



Enquanto morar for um privilégio, ocupar será um direito. #Pinheirinho e a narrativa colaborativa na internet¹

Allan CANCIAN Marquez²

Fabio Luiz MALINI Lima³

Universidade Federal do Espírito Santo, Espírito Santo, ES

Resumo: Este artigo tem como objetivo, por meio das mensagens publicadas no serviço de microblog Twitter, criar uma cronologia sobre as mensagens das pessoas sensibilizadas com os acontecimentos ocorridos na reintegração de posse do Pinheirinho, localizado em São José dos Campos, SP. Graças ao trajeto metodológico e a análise dos *tweets*, pretende-se descobrir o poder da sociedade organizada na internet, sua vontade em compartilhar as informações e denunciar qualquer tipo de ação que julgar negativa, bem como o que o fato provocou na cobertura dos meios de comunicação tradicionais e o impacto que ocasionou na sociedade.

Palavras-Chave: Cobertura colaborativa; Internet; Twitter; Pinheirinho; Live Cover.

1. Introdução

Tendo como base as mensagens publicadas na rede social Twitter, este artigo visa criar uma cronologia sobre as mensagens das pessoas sensibilizadas com os acontecimentos ocorridos na comunidade do Pinheirinho, em São José dos Campos, que foi uma reintegração de posse de uma área pertencente à massa falida do empresário Naji Nahas, promovida pelo Estado de São Paulo e pela Prefeitura da cidade. Graças à violência usada pelos policiais e o descaso do governo para retirar em 4 dias (de 22 a 25 de Janeiro de 2012) os moradores residentes da comunidade, a população se revoltou e usou as redes sociais para divulgarem tudo o que ocorria no local, criando uma narrativa colaborativa do fato.

¹ Trabalho apresentado na Divisão Temática Jornalismo, da Intercom Júnior – Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do XVII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste – Ouro Preto – MG, realizado de 28 a 30 de junho de 2012.

² Estudante de Graduação em Comunicação Social – habilitação em Jornalismo da Ufes. Email: allancancian@gmail.com.

³ Orientador do trabalho. Professor do Curso de Comunicação Social da Ufes. Email: fabiomalini@gmail.com.



Para entender como essa narrativa funcionou, foi necessário utilizar o site Topsy⁴ para conseguir reunir grande parte dos *tweets* com as hashtags #Pinheirinho e Pinheirinho. O Topsy é um motor de busca em tempo real, que pesquisa na web o assunto procurado, qualifica o que encontra e classifica esses resultados, tornando mais fácil a busca por tags, graças a sua indexação rápida dos tweets do Twitter. O site exibe os resultados em tempo real para os termos relacionados e artigos, Trending Topics etc. Nele também é possível visualizar os *tweets* mais compartilhados na rede social, as pessoas mais importantes da *hashtag*, vídeos e imagens mais vistos, entre outras ferramentas.

Para organizar todas essas informações, foi necessário usar o Storify⁵, um site específico para criar histórias compartilhadas em várias redes sociais, como por exemplo, o Twitter, Facebook e YouTube. Com ele é possível inserir a *url* dos *tweets* no site e organiza-los por data, horário etc, para transforma-los em uma grande história social. Algo interessante é que podemos depois de criada a “história”, compartilha-la para nossas redes sociais ou *embedala* em sites, blogs etc.

Com a ajuda do Topsy foi possível catalogar 85 *tweets*, sendo que a maior parte foi publicada no primeiro dia de conflito (22 de janeiro). Após isso eles foram distribuídos em ordem cronológica no Storify, onde se notou semelhanças e diferenças, vídeos e fotos, links para sites de notícias, entre outras constatações que ajudaram a criar categorias distintas entre os *tweets*. Ao total foram criadas 3 categorizações para as mensagens: *tweets de alerta* que serviam como fonte de vigilância na web; *tweets especulativos* que eram publicados devido a pouca informação em tempo real do acontecimento; e *tweets solidários* que eram publicados para confortarem os cidadãos e divulgar as mensagens para outras pessoas na rede.

Como forma de explicar tudo o que aqui é abordado, optou-se pela utilização de autores que explicassem como que a internet ajudou a criar uma cultura da colaboração voluntária, voltada ao compartilhamento livre da informação para os usuários da web e o porquê deles fazerem isso. Também se buscou entender como se forma a produção de novas discussões baseadas nas informações compartilhadas, a interação das pessoas e como que as mídias tradicionais interferem e são inseridas em acontecimentos desse tipo. Autores como Shirky (2010), Lévy (1993,1999), Barabási (2009), Hardt e Negri

4 www.topsy.com.

5 www.storify.com. A cronologia dos tweets pode ser encontrada em <http://bit.ly/JlkQ4d>.



(2005), Gillmor (2005), Rheingold (2004), Malini (2011), entre outros vão nos ajudar a entender sobre as questões mais pertinentes de uma participação colaborativa.

2. Pinheirinho: cronologia dos fatos

No dia 22 de janeiro de 2012, aconteceu a reintegração de posse da área do Pinheirinho, localizada em São José dos Campos, São Paulo. A desocupação começou por volta das 6h da manhã, quando a Polícia Militar do Estado de São Paulo e a Guarda Municipal de São José dos Campos começaram a entrar na comunidade e retirar os moradores.

A comunidade do Pinheirinho estava localizada na massa falida⁶ da Selecta SA, empresa do libanês Naji Nahas conhecido por ser o responsável pela quebra da bolsa de valores do Rio de Janeiro em 1989, entre outros escândalos. A ocupação da área começou em 2004, com cerca de 300 famílias e desde então vinham sofrendo ameaças para saírem do local. A comunidade, até aquele momento com cerca de 7 mil habitantes, possuía comércios, igrejas, locais de lazer e associação de moradores.

O mês de Janeiro de 2012 foi tumultuado para a comunidade. Com as fortes ameaças de desocupação, no dia 14 os moradores criaram uma forte resistência, com armas caseiras e cães, para evitar que os policiais chegassem e os retirassem do local. Já no dia 16, a PM lançou panfletos por meio de helicópteros, pedindo para que os moradores saíssem do Pinheirinho. No dia 19, um acordo entre a Selecta SA e os moradores suspendeu a reintegração até para o dia 3 de fevereiro.

A Justiça Federal suspendeu a reintegração de posse no dia 20 de janeiro⁷, mas um dia depois o Juiz estadual ignorou a determinação federal, com a argumentação de que era um assunto relacionado apenas ao Estado de São Paulo. Com isso, na madrugada de domingo dia 22, dois mil militares e mais a guarda civil começaram a montar guarda no Pinheirinho, para poderem por o processo de desocupação em prática logo de manhã. Eles possuíam dois helicópteros, carros blindados, cavalos, cães e estavam armados com balas de borracha, bombas de gás lacrimogêneo e sprays de pimenta (alguns também usavam armas de fogo).

⁶ Terreno de 1,3 milhão de metros quadrados que pertence oficialmente a Naji Nahas, mas que em 2004 teria sido amparada por um acordo entre moradores e a prefeitura no mesmo ano.

⁷ Informação retirada do site “Terra” em 20 de janeiro de 2012. Link: <http://goo.gl/tWX03>



Logo no primeiro dia houve 18 prisões⁸ e casos de violência contra mulheres e crianças. Vídeos de policiais batendo sem nenhuma justificativa em cidadãos eram inseridos na internet e compartilhados pelas redes sociais. O cenário no Pinheirinho se assimilava a uma guerra civil, onde gritos, tiros e choros eram ecoados pelos arredores da localidade.

Na noite do dia 22, o STJ enviou uma liminar emergencial validando a desocupação. Protestos contra os policiais e a ação do governo local começaram a surgir em São Paulo e São José dos Campos, revelando que pessoas que não estavam na comunidade ficaram sensibilizadas com aquilo e partiram para as ruas em defesa das famílias.

2.1. O impacto no espalhamento de #Pinheirinho na internet: processamentos narrativos paralelos

A reintegração de posse da área do Pinheirinho mexeu com a opinião pública nacional e internacional, provocou vários protestos em todo o país e sensibilizou principalmente os usuários de redes sociais, que usavam esses mecanismos para compartilhar as poucas informações que vinham da comunidade.

No Twitter a hashtag #Pinheirinho era a primeira nos tópicos de tendências (Trending Topics) do Brasil e também estava em evidencia nos tópicos mundiais. Cada nova informação dada pela mídia ou a cada novo vídeo ou foto na internet, serviam de base para milhares de *tweets* sobre a desocupação.

2.1.1. Tweets de alerta e a vigilância na web

Logo quando a PM começou a invasão, *tweets* de alerta eram emitidos por pessoas indignadas e que já estavam acompanhando o caso. O usuário @Pedrolele postou em caráter de urgência e chamou todas as pessoas para denunciarem os abusos da polícia. *“URGENTE! Mesmo com liminar do TRF em contrário, PM está nesse momento invadindo violentamente o #Pinheirinho. Apelamos a tod@s p/denunciar”*. Diversas outras pessoas e contas comunitárias também usaram do Twitter para avisar à população

⁸ Informação retirada do site “Estadão” em 22 de janeiro de 2012. Link: <http://goo.gl/cgVdc>



do que ocorria na comunidade. Com isso, percebe-se que os primeiros movimentos da hashtag utilizavam um “aspecto de alerta” sobre a invasão da polícia.

Postagens pedindo força ao povo do Pinheirinho e que continuassem lutando pelos seus direitos eram as mais observadas, como por exemplo, a conta *@Inove8quatro* que escreveu “*Segura, pinheirinho! Resiste, pinheirinho! Vive, pinheirinho!*” Os perfis pediam que houvesse mais divulgação da mídia e das pessoas sobre o caso, postavam fotos dos momentos tensos e lembravam que a liminar do TRF dizia que não poder haver a desapropriação.

Grande parte das pessoas que se engajava na luta por Pinheirinho não estava no local e usava a internet para se expressarem. Era um movimento narrativo marcado pelo “compartilhamento de reconhecimento do fato”, ou seja: as pessoas se colocavam no lugar das famílias e lutavam contra a violência feita pelos policiais. Esses ciberativistas usam desse tipo de ação para fazer com que todo o resto da população saiba o que está ocorrendo em um acontecimento social.

Partidos políticos começaram a postar os protestos que estavam sendo criados por simpatizantes do caso Pinheirinho. “*Manifestantes pararam o km 154 da Dutra se juntando ao #Pinheirinho*”, postou a conta do *@pstu* no Twitter. Cantores e celebridades, também indignados com a violência dos policiais, mostraram apoio e protestavam na internet. “*Que a PM de SP saiba que esta trabalhando nesse momento por ordem do Governador em Prol de um BANDIDO chamado NAJI NAHAS em #Pinheirinho*”, disse *@Ticostacruz*.

2.1.2. Tweets especulativos e a desconfiança dos usuários

A reintegração de posse foi chamada na internet de “Massacre do Pinheirinho”, pois sempre eram divulgadas supostas mortes de pessoas no local, graças ao embate com a polícia. Nesse momento verificou-se a existência de *tweets* de caráter especulativo, muito presenciados, pois as informações vindas diretamente do local do conflito eram poucas. Nenhuma morte de fato foi confirmada, mas várias pessoas tiveram de ser levadas para hospitais e abrigos improvisados, por terem sido vítimas de balas de borracha.



O povo criticou duramente na rede social a cobertura da imprensa, que só iniciou de fato sua apuração quando percebeu que o assunto estava sendo popularizado. Frases como o do @felipedjequaka mostravam bem como era a situação: “*Moradores gritam para jornalistas da rede Globo: ‘fala a verdade ai!’ #Pinheirinho*”. Outros tweets diziam que os meios de comunicação omitiam os fatos: “*A grande mídia mente! Segundo Globo, Record, Band, até agora existe apenas UM ferido no #Pinheirinho. Absurdo! Os vídeos da rede desmentem!*”, publicou @eniolourenco.

Entretanto, vários jornalistas disseram estarem sendo proibidos de entrarem no local, pois a PM havia isolado a área. No Twitter, o jornalista e midiativista Leonardo Sakamoto afirmou não ter conseguido entrar na comunidade: “*Em São José. Tentei entrar no #Pinheirinho, mas a PM está barrando jornalistas e qualquer um que se aproxime*”.

Pessoas pediam ajuda a blogueiros, para que relatassem aquilo que estava acontecendo e chamassem mais gente para a luta em defesa às famílias do Pinheirinho. “*SOS PINHEIRINHO: Blogueiros ajudem a divulgar o massacre que está acontecendo no #Pinheirinho, POR FAVOR!*”, publicou @PaulaBeiro, esperando ser lida.

Twitaços⁹ eram organizados para que quem estivesse em todo o Brasil pudesse também protestar contra a retirada dos moradores do Pinheirinho. Os organizadores convidavam e as pessoas iam participando, o que deixou a hashtag mais ainda em evidência.

A operação da PM dificultou a criação e postagem de conteúdo direto do Pinheirinho, pois o sinal telefônico foi cortado em grande parte da comunidade. Um tweet criado por uma conta intitulada de @pinheirinho afirmou o fato: “*Sinal de celular sendo cortado aqui no Pinheirinho. Não querem testemunhas do massacre*”. A maior parte do que estava circulando na internet era justamente das pessoas que estavam em suas casas ou perto do Pinheirinho. Quem estava na comunidade e que não podia compartilhar nada graças a falta de sinal, enviava seus vídeos, fotos e relatos assim que podiam, criando uma espécie de pós-produção do acontecimento. Eles usavam principalmente o Twitter e o Facebook para espalharem esses relatos.

⁹ Debate promovido pelas pessoas no Twitter, para protestarem sobre um determinado assunto. Para participar, as pessoas deveriam enviar tweets contendo uma hashtag já pré-determinada, para assim discutirem sobre o assunto.



Casos assim onde a maior parte de informações verdadeiras e apuradas é enviada após um determinado tempo, pois no momento em que acontecem não podem ser passadas para as pessoas, transforma a cobertura colaborativa do acontecimento em algo mais complexo e carente de fontes imediatas. Tudo deve ser publicado e entendido de uma maneira mais desconfiada, já que não se tem certeza do que aquilo que está vinculado em um *tweet*, por exemplo, é a verdade.

Os vídeos e imagens que eram repassados confirmavam ou não aquilo que era dito pelos *tweets* anteriormente. Cenas de policiais atirando em mulheres com crianças de colo ou violentando covardemente pessoas que não tinham com o que se defenderem, bem como o de fotos mostrando a violência exagerada da PM, tiveram grande repercussão na mídia digital.

Postagens contendo relatos de dentro da comunidade eram poucos, mas podiam ser vistos principalmente pela conta *@pinheirinhosjc*, que publicava o que acontecia no momento da invasão. Ao publicar “*Batalha campal nas ruas e São Jose em solidariedade ao #Pinheirinho*” e “*Ao vivo, da região do Pinheirinho <http://t.co/Ce7OePSt> #Pinheirinho*”, a conta fazia sua parte como uma espécie de fonte oficial das famílias do Pinheirinho.

No dia 23 de janeiro ¹⁰a reintegração de posse ainda era recheada de conflitos intensos. Moradores queimavam sofás e tudo o que podiam, mas eram acertados por balas de borrachas e sprays de pimenta. Novos protestos ocorriam na capital de São Paulo e iam criando outros em todo o Brasil. No Facebook, fotos eram publicadas aos montes e serviam de fontes para a criação de blogs que possuíam apenas a missão de espalhar ao Brasil tudo o que ocorria no Pinheirinho.

A hashtag *#Pinheirinho* é vista pelo Twitter como spam¹¹ e retirada dos Trending Topics. Entretanto a palavra “Pinheirinho” torna-se a hashtag principal de agrupamento das informações sobre a desocupação da comunidade em São José dos Campos.

10 Notícias retiradas do site “Notícias UOL”, em 23 de janeiro de 2012. Link: <http://goo.gl/EfkOD>

11 São mensagens de caráter maligno, criadas com o intuito de divulgarem sites maliciosos ou não. Quando uma hashtag possui links de assuntos não referentes a ela ou é divulgada de forma suspeita, o microblog a retira por um tempo da rede, acusando de spam.



2.1.3. *Tweets* solidários e a narrativa da união

Tweets criados para agirem como forma de unir as pessoas na causa eram criados e difundidos dentro da rede social. Um exemplo é a postagem do perfil @khalilgoch: “Vamos colocar esse assunto nos TTs: Eu apoio as famílias do #Pinheirinho! Se você apoia as famílias do #pinheirinho compartilhe e de RT!”. *Tweets* de caráter solidário às famílias do Pinheirinho eram observadas e serviam de inspiração para os usuários continuarem com os *tweets*, como a da @glauciafeitosa: “URGENTE: Doações (comida, colchões) ao #Pinheirinho: Igreja N. Sra Perpétuo Socorro, Av. Angelo Belmiro Pintus, 320. Campo dos Alemães, SJC”.

A preocupação era evidente e a grande questão girava em torno de para onde essas famílias iriam após todo o conflito. Já no dia 24 de janeiro¹², 40% da área do Pinheirinho havia sido demolida, entretanto moradores denunciavam maus tratos e miséria nas tendas e nos locais precários onde estavam logo após serem expulsos de suas residências. No Twitter, Geraldo Alckmin, Governador de São Paulo diz: “Anunciei o pagamento do aluguel social de R\$ 500 para as famílias do Pinheirinho, até que recebam a suas moradias”. Muitos na rede social duvidavam disso e postavam suas revoltas, pois pressionavam muito os políticos e suas decisões tomadas.

Usuários revoltados com essa situação utilizavam de memórias históricas para compararem o grande conflito criado pela PM e a situação dos moradores. @flaviogomes69 perguntou, comparando o acontecimento com a situação dos judeus na Segunda Guerra Mundial: “A fitinha azul no pulso da gente do Pinheirinho é muito diferente dos números tatuados nos judeus nos campos de concentração?”.

No dia 25 de janeiro terminou a desocupação da área do Pinheirinho, com a maioria das famílias sem nada para reconstruírem suas moradias em outros lugares e usuários do Twitter se mobilizando para doarem o que podiam para essas pessoas. Com o término da desocupação no Pinheirinho, ficou na internet as questões relacionadas a onde essas pessoas iriam morar a partir daquele momento e o que deveria ser feito para agilizar esse processo.

Dias após o fim da operação, protestos ainda eram criados pelas pessoas, para cobrar providências mais ligeiras com as famílias despejadas. O caso que mais repercutiu nas

¹² Informação retirada do site “V News”, em 24 de janeiro de 2012. Link: <http://goo.gl/VaS74>



redes sociais foi o de Pedro Rios, um jornalista que resolveu fazer greve de fome na porta da Rede Globo de Televisão, para protestar contra a pouca cobertura jornalística do caso Pinheirinho feita pelas mídias tradicionais. *Tweets* de apoio eram publicados e vídeos mostrando sua situação não paravam de circular na internet. “*Militante inicia greve de fome, em frente a Rede Globo - contra criminalização #Pinheirinho*”, publicou @midia crucis.

As pessoas não esqueceriam por um tempo desse episódio em que, como algumas postagens no Twitter diziam, os policiais encararam os moradores como inimigos e culpados por todo o processo. A usuária @patmuniz resumiu bem o que o povo queria: “*Enquanto morar for um privilégio, ocupar será um direito. #Pinheirinho*”.

2.2. O impacto da mobilização que #Pinheirinho deixou para a sociedade

Como resultado de todo o constrangimento deixado por Pinheirinho em seu mandato e até para não sujar seu partido político com um evento tão abrangido desses, Geraldo Alckmin precisou acalmar a população dizendo que daria para os moradores expulsos da comunidade um aluguel social no valor de R\$500. Já os meios de comunicação tradicionais descobriram que sim, a web pode trazer para o mundo “off line” toda uma história, um acontecimento e levar as pessoas de encontro àquela causa. Ela acaba sendo coagida a dar ao público aquilo que eles querem, para evitar assim um desgaste e um constrangimento ainda maior, como o caso do jornalista que fez greve de fome na porta da Rede Globo ou como tantos outros *tweets* que mandavam a Globo cobrir a reintegração de posse.

Pinheirinho teve tanta repercussão, que acabou servindo como pauta sempre que situações parecidas estão para acontecer ou já estão ocorrendo. O usuário de internet já sabe que em coletividade é forte o suficiente para trazer um assunto à tona e lutar por ele e pelos direitos das pessoas envolvidas. Ele pode até não conseguir parar por completo o evento, mas sabe que poderá ajudar de alguma forma.

3. A narrativa compartilhada na Internet



A internet trouxe para as pessoas a possibilidade de se comunicarem ainda mais com o mundo em que vivem. Com o triunfo das redes sociais e da enorme variedade disposta na web, os usuários sentem-se livres para se expressarem e contribuírem de todas as formas para a construção de narrativas dos mais diversos tipos.

Conforme a internet foi avançando e tornando-se mais barata, mais as pessoas foram adentrando em suas ferramentas e facilidades. Para Clay Shirky (2010) isso significa que agora podemos criar grandes narrativas de valor durável, já que existe muito conteúdo na rede.

Já para Anderson, essa produção democratizada só se torna algo relevante caso as outras pessoas também as possam ler e produzir novos conteúdos e interpretações. “O PC transformou todas as pessoas em produtores e editores, mas foi a internet que converteu todo o mundo em distribuidores” (ANDERSON, 2006).

Na web, as pessoas acabam encontrando várias outras pessoas que pensam semelhantes a elas e com isso vão trocando informações e desenvolvendo um diálogo. Piotet e Pisani (2010) afirmam que quando os usuários se reforçam mutuamente, os dados trocados ajudam a formar um conhecimento mútuo que pode ser usado para inúmeras aplicações.

Quando essa colaboração parte para o campo das manifestações sociais, amplia-se uma discussão de ideias e a participação se torna muito mais nítida em termos narrativos. Cada usuário tem um papel importante na narrativa, seja comentando, compartilhando informações ou, quando está no centro do acontecimento, divulgando as notícias em tempo real que servirão de base para a criação de novos comentários e compartilhamentos.

O produto em forma de elipse criada pela multidão conectada é o que Hardt e Negri chamam de “comum”, pois “o que ela produz, na realidade, é comum, e o comum que compartilhamos serve de base para a produção futura, numa relação expansiva em espiral” (HARDT E NEGRI, 2005). Ou seja, tudo o que a multidão debate, critica, idealiza etc, ajuda a produzir o comum que compartilhamos e que serve de base para a criação de novos debates e novas produções de comum. Os autores também argumentam que os usuários se comunicam socialmente com base no comum já existente e essa comunicação por sua vez produz novos comuns.



As redes sociais são a forma mais conhecida pelas pessoas para se expressarem e criarem conteúdos. O valor criado pela soma de todas elas é bem maior do que quando são contadas individualmente. A totalidade apresenta de uma melhor forma todas as articulações criadas pelas pessoas, que utilizam determinadas redes sociais para postarem conteúdos diferentes. Por exemplo: um usuário posta um vídeo no YouTube de policiais agredindo um senhor inocente no Pinheirinho e divulga esse vídeo para outras redes sociais (Facebook, Twitter...). Esse uso é comum e muito importante para a construção de sentido da narração de um acontecimento.

Para Pierre Lévy, as pessoas criam movimentos e grupos sociais por se interessarem sobre um mesmo assunto. Ele indaga que “um grupo humano só se interessa em constituir-se como comunidade virtual para aproximar-se do ideal do coletivo inteligente” (LÉVY, 1999). Para ele, essa junção criada pelo “comum” os torna mais imaginativos, rápidos e capazes de conceber e aprender melhor que um coletivo estrategicamente gerenciado.

Com a comunicação “muitos para muitos” distribuída da internet, acaba-se criando uma sociedade com valores interligados e dinâmicos, onde quase tudo é reconstruído ou serve de inspiração para inimagináveis outras coisas. Do ponto de vista de Barabási, não precisamos conhecer todas as pessoas do mundo para interagirmos com elas de alguma forma. “Somos todos parte de um grande aglomerado, a rede social mundial, da qual ninguém é excluído.” (BARABÁSI, 2009).

Por meios dos diversos tipos de mensagens enviadas pode-se acrescentar, confirmar e transformar o contexto na qual é compartilhado tais mensagens. Lévy afirma que novas mensagens, comentários e ideias podem mudar esse contexto ou construir novas interpretações, já que é um elemento perpetuamente reconstruído e negociado. “Palavras, frases, letras, sinais ou caretas interpretam, cada um à sua maneira, a rede das mensagens anteriores e tentam influir sobre o significado das mensagens futuras.” (LÉVY, 1993).

Em um movimento social grande como o Pinheirinho, podemos perceber como que as pessoas se manifestam para que tudo se resolva de forma pacífica. Shirky diz que temos uma mente racional e uma emocional e isso ajuda a criar diversos relatos sobre determinados temas vivenciados por nós. São principalmente as emoções que deixam os



grupos unidos, já que basicamente todos buscam o mesmo fim e solução para o problema.

“Todos os grupos têm um componente emocional – emoções, de fato, mantêm os grupos unidos. A participação em grupos apresenta ao indivíduo tamanho grau de dificuldades e oportunidades que, sem um comprometimento emocional, muitos grupos seriam desfeitos à aparição do primeiro problema real”. (SHIRKY, 2010, p.146).

Pela internet possuir esse caráter de participação e livre manifestação das ideias, todos podem ser autores e expressar suas opiniões. Embora na maioria das vezes esse fato seja o dos melhores existentes na rede, Howard Rheingold (2004) afirma que há sempre a possibilidade de alguém que não saiba de nada publique uma história falsa ou com informações divergentes e fazer com que as pessoas acreditem nelas.

Essa constatação também é percebida por Castells referindo-se aos meios de comunicação que deveriam ficar de sobreaviso ao noticiarem possíveis informações falsas. “Por causa da rapidez da difusão de notícias pela internet, a mídia tem de ficar de sobreaviso, e reagir a esses rumores, avalia-los, decidir como noticiá-los – não pode mais descartá-los.” (CASTELLS, 2003).

Isso faz gerar bastante especulação na rede e, em conflitos como o do Pinheirinho que as informações chegavam um tempo depois que já haviam acontecido, levavam um tempo para serem desmentidas ou confirmadas. As especulações eram agravadas também pela pouca cobertura que os meios de comunicação tradicionais deram ao atentado, que só começaram a publicar informações sobre o que estava acontecendo em Pinheirinho após o assunto entrar para os Trending Topics do Twitter. Em casos assim, a cobertura do que acontecia na comunidade ficava por conta dos internautas que estavam pertos ou não do local.

Malini (2011) reflete que a colaboração e produção incessante da rede não vêm apenas de um único lugar, mas sim de um conglomerado que ajuda a criar a história narrativa de um acontecimento.

“É inegável destacar que, nesse novo cenário de mídia, publicar significa que existem muito mais meios de comunicação social e que o ‘assunto do momento’ não é apenas produto da rotina produtiva das instituições da notícia (imprensa), mas gerado pela mistura de veículos formais, coletivos informais e indivíduos, que fazem provocar a emergência não somente de novas formas de espalhar, de modo colaborativo, as notícias, mas sobretudo de contá-las.” (MALINI, 2011, p. 5).



Fatos como esse mostram que a produção colaborativa está evoluindo com a ajuda da internet e da grande quantidade de postagens. Para Sousa e Medeiros “no ciberespaço, as coletividades, muitas delas excluídas dos meios de comunicação de massa, organizam-se para realização de manifestações, o que contribui para surgimento de novas mobilizações, sem a dependência da visibilidade nos meios tradicionais” (SOUSA e MEDEIROS, 2010).

Gillmor acredita que a cobertura de eventos feita por pessoas que não são jornalistas é apenas uma parte dessa questão. Para ele o fato que mais chama a atenção é que todos têm oportunidade de se expressar e informar as outras pessoas, sem depender exclusivamente das mídias tradicionais.

“Estamos a ouvir novas vozes – não necessariamente de indivíduos que desejam ganhar a vida a falar em público – mas de pessoas que pretendem dizer o que pensam e o que ouviram, mesmo que só possam falar para uns poucos.” (GILLMOR, 2005, p. 143).

Clay Shirky, em seu livro “La vem todo Mundo” (2008), diz que com toda essa produção de conteúdo promovida pelas pessoas e compartilhada na rede, os meios de comunicação podem publicar uma notícia porque aquilo foi inserido dentro do seu contexto. “Na verdade, a mídia jornalística pode acabar cobrindo a história *porque* ela penetrou na consciência pública por outros meios”. (SHIRKY, 2008).

Como afirma Rheingold (2004), de acordo que todas as articulações e debates criados na internet são colocados em prática nas ruas do mundo real, os governos e empresas usam das formas que acharem mais apropriadas para controlar essas manifestações. Buscando justiça e reerguimento da luta social, os cidadãos unem-se mais fortemente e acham novas formas de contornarem esse controle.

No Pinheirinho a atitude tomada pelo governo e pela PM foi cortar o sinal de celular e banda larga, impossibilitando a entrada na internet e nas redes sociais. Casos onde há acontecimentos desse tipo deixam as informações difíceis de serem checadas e a ajuda da mobilidade nesses momentos é imprescindível, pois as pessoas podem ir em busca de um local com sinal e recomeçarem a postar.

Shirky aponta que com o avanço da internet móvel nos celulares, as pessoas puderam disseminar informações de onde estavam para todos os outros na rede. “Cada novo usuário é um criador e consumidor em potencial, e um público cujos membros podem



cooperar diretamente uns com os outros, de ‘muitos para muitos’, é um ‘antigo público’.” (SHIRKY, 2008).

4. Conclusão: A presença da “Live Cover” em um acontecimento desconectado

A maioria das informações que apareciam na internet sobre o Pinheirinho, tinha como porta voz pessoas que não estavam dentro do local, já que o sinal de celular e internet haviam sido retirados pelos policiais. Fotos, vídeos e relatos de pessoas que haviam estado na comunidade eram uma das únicas formas que o resto da população tinha para saber o que estava acontecendo.

Essas mídias só chegavam momentos depois de terem ocorrido e eram produzidas por moradores, pessoas que estavam para protestarem ou apenas por curiosidade. É interessante notar que casos assim funcionam como uma pós-produção do fato, onde a única maneira de informar corretamente é saindo da área de conflito (no caso a área onde não possuía sinal de celular/internet) e migrando para locais onde possuíam todos os meios para postarem os diversos conteúdos.

Em uma “Live Cover”, onde coisas desse tipo interferem no anúncio imediato das informações, há a maior percepção de conteúdo especulativo na web, pois ninguém tem certeza de nada e podem acreditar em um simples rumor que é espalhado por alguém ou por um meio de comunicação que não confirmou a notícia. Por isso, é de extrema perspicácia ficar atento em tudo que é veiculado na internet.

Na análise de Malini, as pessoas pensam e publicam as mensagens como se estivessem dentro do acontecimento, vivenciando tudo. Isso é percebido também em uma Live Cover, porque mesmo as grandes informações sendo publicadas um tempo depois, elas conseguem ter esse caráter de vivência do enunciador.

“Nas coberturas colaborativas das redes os perfis agem como estivessem dentro do fato, reportando de modo enunciativo os detalhes do acontecimento, embora os relatos também sejam permeados por anúncios, denúncias, opiniões e de mensagens, que demonstram, como dizem os americanos, um ‘self expression’.” (MALINI, 2011, p. 9)

Casos como o da hashtag #Pinheirinho, mostram a presença de pessoas e contas dispostas a divulgar no máximo que pudessem tudo o que estava acontecendo. A conta



@pinheirinhosjc se destacou, pois oferecia notícias em “tempo real” do que ocorria na comunidade. Outros usuários publicavam histórias ou depoimentos, criando uma espécie de “cronologia contada” do evento.

A Live Cover é na verdade um conto, cada um com sua maneira e suas características, onde o principal meio de informação está na internet. Textos e imagens ajudam a contar as histórias, sejam elas com ou sem informação abundante e notícias em tempo real.

5. Referências bibliográficas

ANDERSON, C. **A cauda longa: do mercado de massa para o mercado de nicho**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2006.

BARABÁSI, A. **Linked: how everything is connected to everything else and what it means for business, science and everyday life**. New York: Plume, 2003.

CASTELLS, M. **A Galáxia da Internet: Reflexões Sobre a Internet, os Negócios e a Sociedade**. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

GILLMOR, D. **Nós, os media**. Lisboa: Editorial Presença, 2005.

LÉVY, P. **As tecnologias da inteligência**. Trad. Carlos Irineu da Costa. São Paulo: Ed. 34, 1993.

LÉVY, P. **Cibercultura**. Trad. Carlos Irineu da Costa. São Paulo: Ed. 34, 1999.

MALINI, F. **Cobertura colaborativa nas redes sociais: entre a emergência e a programação**. 2011. SBPJOR. Disponível em <http://tinyurl.com/7aa27p9>. <Acesso em 8 de maio de 2012>

NEGRI, A, HARDT, M. **Multidão**. São Paulo: Record, 2005

PISANI, F.; PIOLET, D. **Como a web transforma o mundo**. A alquimia das multidões. Trad. Gian Bruno Grosso. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2010.

RHEINGOLD, H. **Multitudes Inteligentes: la próxima revolución social**. Barcelone: Gedisa, 2004.

SHIRKY, C. **A cultura da participação**. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.

SHIRKY, C. **La vem todo mundo: o poder de organizar sem organizações**. Rio de Janeiro: Zahar, 2012.

SOUSA, M.; MEDEIROS, M.. **Jornalismo Cidadão na Internet: Modelo participativo e suas implicações na comunicação e na sociedade**. XII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Centro-Oeste; 2010, Goiânia. Disponível em <http://www.intercom.org.br/sis/regional/resumos/R21-0316-1.pdf> <Acesso em 30 de abril 2012 >